

Tarefa 06 – Professor Roger

Texto 1

O índio

– Meu Deus, é ele!

Quem já conversou com um índio, assim um papo aberto, sobre futebol, religião, amor...? A primeira ideia que nos vem é a da impossibilidade desse diálogo, risos, preconceitos, talvez. O que dizer então da visão dos estrangeiros, que pensam que andamos nus, atiramos em capivaras com flechas envenenadas e dançamos literalmente a dança da chuva pintados com **urucu** na praça da Sé ou na avenida Paulista?

Pois na minha escola no ano de 1995 ocorreu a matrícula de um índio. Um genuíno adolescente **Pataxó**.

A funcionária da secretaria não conseguiu esconder o espanto quando, na manhã de segunda-feira, abriu preguiçosamente a portinhola e deparou com um Pataxó sem camisa com o umbigo preto para fora, dois penachos brancos na cabeça e a senha número “um” na mão, que sem delongas disse:

– Vim matricular meu filho.

E foi o que ocorreu, preenchidos os papéis, apresentados os documentos, fotografias, certidões, transferências, **alvarás**, licenças etc. A notícia subiu e desceu rapidamente os corredores do colégio, atravessou as ruas do bairro, transpôs a sala dos professores e chegou à sala da diretora, que levantou e, em brado forte e retumbante, proclamou:

– Mas é um índio mesmo?

Era um índio mesmo. O desespero tomou a alma da pobre mulher; andava de um lado para o outro, olhava a ficha do novo aluno silvícola, ia até os professores, chamava dois ou três, contava-lhes, voltava à sala, ligava para outros diretores pedindo auxílio, até que teve uma ideia: pesquisaria na biblioteca. Chegando lá, revirou **Leis, Decretos, Portarias, Tratados**, o Atlas, Mapas históricos e nada. Curiosa com a situação, a funcionária questionou: – Qual o problema para tanto barulho?

– Precisamos ver se podemos matricular um índio; ele tem proteção federal, não sabemos que língua fala, seus costumes, se pode viver fora da reserva; enfim, precisamos de amparo legal. E se ele resolver vir nu estudar, será que podemos impedir?

Passam os dias e enfim chega o primeiro dia de aula, a vinda do índio já era notícia corrente, foi amplamente divulgada pelo jornal do bairro, pelas comadres nos portões, pelo japonês tomateiro da feira, pelos aposentados da praça, não se falava noutra coisa. Uma multidão aguardava em frente da escola a chegada do índio, pelas frestas da janela, que dava para o portão principal, em cima das cadeiras e da mesa, disputavam uma melhor visão os professores – sem nenhuma falta –, a diretora, a supervisora de ensino e o delegado.

O porteiro abriu o portão – sem que ninguém entrasse – e fitou ao longe o final da avenida; surgiu entre a poeira e o derreter do asfalto um fusca, pneus baixos, rebaixado, parou em frente da escola, o rádio foi desligado, tal o silêncio da multidão que se ouviu o rangido da porta abrir, desceu um menino roliço, chicletes, boné do **Chicago Bulls**, tênis Reebok, calça *jeans*, camiseta, **walkman** nas orelhas, andou até o porteiro e perguntou:

– Pode assistir aula de *walkman*?

PASSOS, Edson Rodrigues dos. O índio. Em: Diversos Autores. *Nós e os outros: histórias de diferentes culturas*. Coordenação geral e seleção de textos Marisa Lajolo. São Paulo: Ática, 2003. p. 19-20. (Coleção Para Gostar de Ler, v. 29.)

Texto 2

O coração roubado

Eu cursava o último ano do primário e como já estava com o diplominha garantido, meu pai me deu um presente muito cobiçado: *O coração*, famoso livro do escritor italiano Edmondo de Amicis, **best-seller** mundial do gênero infantojuvenil. Na página de abertura lá estava a dedicatória do velho, com sua inconfundível letra esparramada. Como todos os garotos da época, apaixonei-me por aquela obra-prima e tanto que a levava ao grupo escolar da Barra Funda para reler trechos no recreio.

Justamente no último dia de aula, o das despedidas, depois da festinha de formatura, voltei para a classe a fim de reunir meus cadernos e objetos escolares, antes do adeus. Mas onde estava *O coração*? Onde? Desaparecera. Tremendo choque. Algum colega na certa o furtara. Não teria coragem de aparecer em casa sem ele. Ia informar à diretoria quando, passando pelas carteiras, vi a lombada do livro, bem escondido sob uma pasta escolar. Mas... era lá que se sentava o Plínio, não era? Plínio, o primeiro da classe em aplicação e comportamento, o exemplo para todos nós. Inclusive o mais bem limpinho, o mais bem penteadinho, o mais tudo. Confesso, hesitei. Desmascarar um ídolo? Podia ser até que não acreditassem em mim. Muitos invejavam



o Plínio. Peguei o exemplar e o guardei em minha pasta. Caladão. Sem revelar a ninguém o acontecido. Lembro do abraço que Plínio me deu à saída. Parecia estar segurando as lágrimas. Balbuciou algumas palavras emocionadas. Mal pude retribuir, meus braços se recusavam a apertar o cínico.

Chegando em casa minha mãe estranhou que eu não estivesse muito feliz. Já preocupado com o ginásio? Não, eu amargava minha primeira decepção. Afinal, Plínio era um colega que devíamos imitar pela vida afora, como costumava dizer a professora. Seria mais difícil sobreviver sem o seu exemplo. Por outro lado, considerava se não errara em não delatá-lo. “Vocês estão todos enganados, e a senhora também, sobre o caráter do Plínio. Ele roubou meu livro. E depois ainda foi me abraçar...”

Curioso, a decepção prolongou-se ao livro de Amicis, verdadeira vitrina de qualidades morais dos alunos de uma classe de escola primária. A história de um ano letivo coroado de belos gestos. Quem sabe o autor não conhecesse a fundo seus próprios personagens. Um ingênuo como a nossa professora. Esqueci-o.

Passados muitos anos, reconheci o retrato de Plínio num jornal. Advogado, fazia rápida carreira na Justiça. Recebia cumprimentos. Brrr. **Magistrado** de futuro o tal que furtara meu presente de fim de ano! Que **toldara** muito cedo minha crença na humanidade! Decidi falar a verdade. Caso alguém se referisse a ele, o que passou a acontecer, eu garantia que se tratava de um ladrão. Se roubava já no curso primário, imaginem agora... Sempre que o rumo de uma conversa levava às grandes decepções, aos enganos de falsas amizades, eu contava, a quem quisesse ouvir, o episódio do **embusteiro** do Grupo Escolar Conselheiro Antônio Prado, em breve **desembargador** ou secretário da Justiça.

- Não piche assim o homem – advertiu-me minha mulher.
- Por que não? É um ladrão!
- Mas quando pegou seu livro era criança.
- O menino é o pai do homem – rebatia, vigorosamente.

Plínio fixara-se como um marco para mim. Toda vez que o procedimento de alguém me surpreendia, a face oculta de uma pessoa era revelada, lembrava-me **irremediavelmente** dele. Limpinho. Penteadinho. E com a mão de gato se apoderando de meu livro.

Certa vez tomaram a sua defesa:

- Plínio, um ladrão? Calúnia! Retire-se da minha presença!

Quando o desembargador Plínio já estava aposentado, mudei-me para meu endereço atual. Durante a mudança, alguns livros despencaram de uma estante improvisada. Um deles *O coração*, de Amicis. Saudades. Havia quantos anos eu não o abria? Quarenta anos ou mais? Lembrei da dedicatória de meu falecido pai. Ele tinha boa letra. Procurei-a na página de rosto. Não a encontrei. Teria a tinta se apagado? Na página seguinte havia uma dedicatória. Mas não reconheci a caligrafia paterna.

“Ao meu querido filho Plínio, com todo amor e carinho de seu pai.”

REY, Marcos. *O coração roubado*. Em: *O coração roubado e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1996. p. 11-12. (Coleção Para Gostar de Ler, v. 19.)

* Compare as crônicas “O coração roubado” e “O índio”.

01. À medida que lia a crônica “O coração roubado”, você deve ter feito previsões a respeito do que aconteceria na história. No desfecho, essas previsões se confirmaram? Justifique.
02. Nos dois textos, o desfecho é previsível ou inesperado? Justifique.
03. O narrador de “O índio” é alguém que estudou na escola onde aconteceu a história, e pode ou não ter presenciado os fatos. Quem é o narrador de “O coração roubado”?
04. O narrador do conto “O coração roubado” relata algo que ocorreu quando era criança. É possível deduzir quantos anos ele tinha nessa época? E a idade do narrador do conto “O índio”?
05. O que se pode dizer das reflexões que os dois textos provocam no leitor? Em “O índio”, o leitor é levado a refletir sobre o preconceito e a questão da pluralidade cultural. Em
06. Pode-se dizer que os dois textos foram construídos com base em acontecimentos cotidianos. Que elementos comprovam essa afirmação?
07. Dê o significado das palavras destacadas no texto.